



CIRCULAÇÃO E DESLOCAMENTO DE IMAGENS EM PROTESTOS SOCIAIS: UM OLHAR SOBRE PERFORMANCE DAS IMAGENS DO MOVIMENTO MÃES DE MAIO

Circulation and displacement of images in social protests: a look at the performance of images from the movimento mães de maio

Circulación y desplazamiento de imágenes en las protestas sociales: una mirada al performance de las imágenes del movimiento mães de maio

Maurício Reis Araújo¹
Ana Rita Vidica²

Resumo: Este trabalho reflete sobre os deslocamentos de sentido decorrentes da circulação de imagens produzidas pelo movimento social brasileiro Mães de Maio, que busca a reparação pela memória de filhos mortos pela polícia e almeja transformações sociais. As imagens operam como mídias, comunicando pensamentos e ações, com destaque para o caráter performático. Utilizamos imagens do movimento em protestos nas ruas e nos apoiamos em teóricos como Gillian Rose, Ana Maria Mauad, Judith Butler e Michel Foucault. A metodologia de Didi-Huberman é empregada para analisar as imagens e suas comunicações. Concluímos que a circulação ou performance das imagens com os corpos das mães é fundamental para sua constituição e mudança de sentido, abrindo espaço para transformações sociais e produzindo locais de mudança.

Palavras-chave: Circulação. Mídia. Documento. Imagens. Movimentos sociais.

Abstract: This work reflects on the displacements of meaning resulting from the circulation of images produced by the Brazilian social movement “Mães de Maio”, which seeks redress for the memory of children killed by the police and aims for social transformations. The images function as media, communicating thoughts and actions, with an emphasis on their performative nature. We use images from the movement taken during protests in the streets and draw on theorists such as Gillian Rose, Ana Maria Mauad, Judith Butler, and Michel Foucault. Didi-Huberman's methodology is employed to analyze the images and their communications. We conclude that the circulation or performance of the images depicting the

¹ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Comunicação - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail; mr30330@gmail.com; Lattes; <http://lattes.cnpq.br/4831655812107296>; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0193-2523>.

² Doutora em História. Programa de Pós-graduação em Comunicação - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: ana_rita_vidica@ufg.br; Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9011537191118959>; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-6253-4428>.

bodies of the mothers is fundamental to their constitution and change of meaning, creating space for social transformations and producing sites of change.

Keywords: Circulation. Media. Document. Images. Social movements.

Resumen: Este trabajo reflexiona sobre los cambios de significado resultantes de la circulación de imágenes producidas por el movimiento social brasileño Mães de Maio, que busca la reparación de la memoria de los niños asesinados por la policía y apunta a transformaciones sociales. Las imágenes operan como medios, comunicando pensamientos y acciones, con énfasis en el carácter performativo. Usamos imágenes del movimiento en protestas callejeras y nos basamos en teóricos como Gillian Rose, Ana Maria Mauad, Judith Butler y Michel Foucault. Se utiliza la metodología Didi-Huberman para analizar imágenes y sus comunicaciones. Concluimos que la circulación o performance de imágenes con los cuerpos de las madres es fundamental para su constitución y cambio de significado, abriendo espacios para transformaciones sociales y produciendo lugares de cambio.

Palabras clave: Circulación. Medios de comunicación. Documento. Imágenes. Movimientos sociales.

Introdução

Tendo um histórico recente de ditaduras, a América Latina contém diversos movimentos de mães que, enlutadas, buscam por filhos desaparecidos. O movimento Mães da Praça de Maio, de mães que buscavam seus filhos durante o período da ditadura na Argentina nos anos 1970, talvez seja o exemplo mais próximo e de maior repercussão sobre este assunto. Para além das ditaduras que fizeram diversos inocentes serem vítimas de desaparecimento, há também a violência estatal no combate às drogas ilícitas e tráfico, o que acarreta centenas de outras vítimas inocentes³.

Em 2006, também no mês de maio e agora no Brasil, surge o movimento Mães de Maio. Fundado por Débora Maria da Silva, o movimento busca a justiça às vítimas do Estado Brasileiro. Débora é mãe da vítima Edson Rogério Silva dos Santos, morto aos 29 anos em uma abordagem policial. Ainda no velório, Débora percebeu semelhanças nos relatos sobre as mortes de outras vítimas da mesma noite. Na busca por justiça, ela reúne mães que também perderam os filhos de formas semelhantes e funda o movimento. As vítimas são principalmente homens, de classes sociais mais pobres que tinham ou não ligação com as rebeliões nas penitenciárias de São Paulo em 2006. Apesar de ser intitulado Mães de Maio, o movimento também conta com pais que também buscam filhos desaparecidos ou que lutam

³ Alguns assuntos deste artigo foram previamente trabalhados no Seminário Internacional de Mídia, Cultura, Cidadania e Informação da Universidade Federal de Goiás, em 2022.

por justiça pelos filhos mortos pelos agentes de segurança do Estado Brasileiro. Os Crimes de Maio, foram uma série retaliações às ações violentas do grupo criminoso Primeiro Comando da Capital⁴. Na tentativa de fazer justiça aos agentes de segurança mortos, a resposta do Estado foi o revide, ocasionando a morte de centenas de inocentes.

A violência, quando cometida pelo Estado, tende a ser invisibilizada. É preciso deixar claro que violência neste caso, é sinônimo de morte. Mortes estas que de fato são invisibilizadas e que não possuem quase nenhum tipo de reparação, visto a existência de tantos movimentos as exigindo. E essa perspectiva é fundamental para entendermos os motivos pelos quais as imagens terão papel fundamental nos protestos. Conforme escreve Dieguéz:

Se, como argumentam antropólogos, historiadores e psicanalistas, a cultura ocidental tem procurado cada vez mais silenciar e invisibilizar a morte e o luto, o problema se agrava quando se trata de espirais de mortes violentas nas quais o Estado tem alta responsabilidade. Nesses casos, ignorados ou não resolvidos pela justiça, a tendência social é falar o menos possível sobre morte e luto, agir como se nada tivesse acontecido; com exceção dos movimentos empreendidos por ativistas e lutadores sociais. O direito de lamentar em circunstâncias de guerras sujas e manipuladas como as que vivemos na América Latina, é atravessado hoje pelas vicissitudes do corpo em um tempo em que acabar, desfazer e desaparecer a anatomia humana se manifesta como o propósito maior (DIÉGUEZ, 2020, p. 209).

Logo, para essas mães, é urgente a necessidade de irem as ruas protestarem contra essa “espiral de mortes violentas”. Através do deslocamento de fotografias de álbuns de família ou documentos das vítimas, as mães transformam essas imagens em cartazes, bandeiras, estampas de camisetas e diversos outros suportes. É uma forma de não esquecimento, de não desaparecimento destes corpos e uma forma de tentar evocar a presença dessas ausências, como pode ser visto na imagem (figura 1), em que as mães carregam as imagens nos mais diversos suportes.

⁴ O Primeiro Comando da Capital (PCC), uma organização criminosa brasileira, teve origem em 1993 em presídios, onde detentos formaram um pacto de defesa mútua. O crescimento silencioso da organização foi uma resposta às péssimas condições carcerárias, transferências para prisões afastadas e aumento da população prisional. O PCC realizou rebeliões, como em 2001 e 2006, em resposta a questões como corrupção no sistema carcerário, sequestros de membros da organização e negligência na execução penal. O conflito resultou em ações violentas por parte do Estado, causando execuções, homicídios e uma série de mortes, principalmente civis.

Figura 1 - Mães de maio na rua



Fonte: UOL (2012)⁵.

A presença de imagens em protestos, de certa forma nos remete aos vexilos romanos, uma forma antiga dos estandartes de guerra. Podemos pensar em brasões em velas de embarcações, escudos, bandeiras dentre outros que nos fazem notar a imagem relacionada a ideia de um combate. Não ficando restrito ao pensamento europeu e concebendo as pinturas corporais de guerra em tribos diversas como representações visuais, a imagem sempre está neste sentido. Se antes as imagens representavam um governo, uma representação de força, de conquista dos vivos ou em saudosismo aos seus considerados bem feitores, agora, no Movimento Mães de Maio, elas evocam a presença dos mortos, sem perder seu simbolismo de enfrentamento e busca.

O objeto de análise deste trabalho é a circulação das imagens e desse movimento em espaços públicos, não exatamente o registro desses atos de protesto, ainda que possuam sua relevância para construção de significados. Ou seja, a circulação do conjunto de fotografias, cartazes, banners, dentre tantos formatos. Essas imagens são aqui citadas em um sentido amplo de representação visual, não somente uma fotografia. Busca-se compreender como a interação entre as imagens e o corpo do indivíduo que as carrega, no caso as mães, pode influenciar na interpretação e compreensão dessas representações visuais. A hipótese levantada é que a performatividade desempenha um papel fundamental na modificação dos significados e intenções das imagens, conferindo-lhes novos discursos e possibilidades. Logo, as imagens escolhidas representam esses momentos dos protestos nas ruas e, como em geral as mães são fotografadas, as imagens vão para sites diversos, de onde algumas foram coletadas para compor o trabalho e serem analisadas.

⁵ Link: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/05/12/debora-do-maes-de-maio-luta-por-memoria-meu-filho-morreu-por-ser-preto.htm>>, acesso em 15/02/2023.

Para se constituírem enquanto dispositivo e força de transformação, as imagens nos protestos circulam. A ideia de circulação de imagens, aqui presente, tem como referência o conceito metodológico de Portas de Entradas da autora Gillian Rose (2016). Para Gillian Rose, as imagens possuem portas pelas quais elas se fazem e se comunicam com os seus espectadores. Ou seja, "porta" representa um ponto de acesso através do qual as imagens estabelecem uma relação dinâmica com os seus observadores.

Pensar esse movimento como um local de circulação é focar em como e onde esse movimento acontece. Quais tecnologias são usadas para fazer uma imagem se mover? Esse movimento altera as qualidades composicionais de uma imagem? Que processos sociais, econômicos ou políticos estão moldando esse movimento? (ROSE, 2016, p. 35).

Portanto, fica evidente a necessidade de pensar sobre o movimento que as imagens fazem, levando em conta quais são os fatores e agentes desse movimento. Pois, é a partir de uma visão clara sobre a realidade dessas famílias que entendemos como todo este processo é construído. As fotografias de álbuns de família e de documentos como o registro geral, são a base na reflexão sobre movimento neste trabalho, pois são elas que são convertidas em outras mídias ou ocupam outros suportes nessa circulação. Conforme Alves (2019):

O álbum de família e suas variações é colocado, inicialmente, através da conceituação teórica sobre o álbum de família proposta por Armando Silva (2008, p.24), para ele há pré-requisitos para a concepção de um álbum de família, ou seja, três pilares constitutivos, que vão do “sujeito representado” (a família e suas várias formas e sujeitos), passam pelo “meio visual de registro” (a foto, o retrato e outros objetos simbólicos) e chegam à “técnica de arquivo” (álbum impresso ou outra mídia em que se queira armazenar) que somados resultam em uma “condição narrativa”, ou seja, o que se conta com o álbum por meio de imagens, legendas e narrativas orais (ALVES, 2019).

O meio visual do registro deixa claro que, apesar deste trabalho citar o termo álbum de família, essa noção é algo mais amplo. O termo álbum de família neste trabalho é tanto um conjunto de materialidades (fotografias reveladas e impressas em diferentes materiais e que habitam diferentes suportes), quanto o próprio álbum como é comumente imaginado, com capa e páginas em que estão as fotografias. Por outro lado, e também acompanhando as mães nos protestos, existem as imagens provenientes de fotografias de documentos. E, a noção de

fotografia de documento é a de qualquer fotografia que foi em algum momento pensada e produzida para fazer parte da formalidade, identificação dos sujeitos em um registro oficial (registro geral, reservista, ficha criminal dentre outros).

Diante da percepção das imagens presentes nas ações no Movimento Mães de Maio, retratos extraídos de álbuns de família e/ou documentos de identificação, pergunta-se como ocorre esse processo de circulação de imagens no interior desse movimento? Para discutir essa questão, passamos a refletir sobre como as imagens circulam, o que fazem na circulação, onde circulam e como cruzam-se entre si, a fim de perceber aspectos performáticos envolvidos nesse processo.

Como as imagens circulam?

O deslocamento de imagens e todos os processos que envolvem sua criação são indispensáveis para sua compreensão e interpretação. A imagem que sai do álbum de família ou do registro de identidade não aparece nas ruas em um passe de mágica. É preciso ter algo que preceda a sua presença nas ruas, mas que não antecede a produção da fotografia. Esse entre, neste caso específico, é a ação dos agentes de segurança do estado que, com ou sem intenção, tiram a vida de jovens de classes sociais e econômicas mais baixas. Conforme já citado neste trabalho, também existe um fator que não vem das mães, que é a tentativa do Estado de invisibilizar a violência quando esta é cometida por seus agentes. Então, o primeiro movimento na circulação dessa imagem está naquilo que está entre sua produção e aquilo que ela passará a ser, que nada mais é do que a motivação diante do crime.

É válido ressaltar que, essas imagens que ainda não sofreram uma resignificação, não são prontas e acabadas. Significação da imagem é aquilo que ela representa para quem vê, dentro do seu micro espaço de circulação. Posso exemplificar pensando em uma fotografia em algum espaço de festas de casamento de uma comunidade. Se alguém daquela vizinhança ver no álbum de alguma família da mesma comunidade aquela fotografia, ele irá associar que, mesmo que o dono não diga nada, aquela fotografia provavelmente foi tirada em um casamento no determinado local de comum convívio. Claro, se a fotografia tiver elementos que levem a essa conclusão. Conforme escreve Ana Maria Mauad (2014);

No caso da fotografia, há uma identificação automática entre objeto-mundo e o objeto-imagem. A fotografia realiza a mediação entre sujeitos históricos e o mundo visível – o mundo que se formata nas memórias, elaboradas por meio das imagens fotográficas –, uma forma histórica para dar forma ao mundo como imagem. As imagens não existem no mundo, precisam dos meios para existir (MAUAD, 2014, p. 116).

Sendo assim, as imagens que vão às ruas não são a mesmas imagens dos álbuns fotográficos ou de registro de identidade. A questão aqui não é encontrar uma significação pura da imagem, o seu real, mas refletir sobre como ela vai modificando-se e performando conforme ela circula, em especial nos protestos. Vale lembrar que tais imagens já podem ter circulado de diferentes maneiras antes de serem expostas nas ruas. Uma troca de fotos entre familiares, uma vizinha que tinha uma fotografia em que o filho da outra vizinha aparecia, são exemplos de como as imagens podem circular. Porém, como esse é um dado não acessível, é preciso estar nesse exercício de pensar sua circulação pressupondo que a imagem pertencia à família ou a vítima. Mauad (2014) escreve:

Do ponto de vista antropológico, a fotografia revelaria uma experiência social, estética e existencial dos sujeitos com o mundo – não se trata de discurso, mas de uma forma ótica de dar a ver o mundo com maior precisão visual que os nossos olhos (MAUAD, 2014, p. 118).

Sem cair em preconceitos, o que Mauad escreve é que a fotografia tem a capacidade de, através dos seus elementos visuais e materiais, nos revelar a condição social de uma pessoa.

Como segundo movimento de circulação da imagem de protesto, está a sua catalogação ou edição por parte dos familiares das vítimas. Qual imagem representará melhor quem faleceu? Qual tem mais qualidade imagética? São esses, dentre outros critérios, que o familiar poderá fazer sua catalogação. Um terceiro movimento possível para pensarmos é a edição da pessoa e equipamento que juntos farão as impressões, colagens, pinturas de cartazes dentro tantas possibilidades.

Há então toda uma movimentação entre pessoas e fotografias. Ir à gráfica, buscar ou receber essas imagens que serão utilizadas nas ruas, planejar os locais em que farão a ocupação, pensar em transporte etc. Logo, o quarto movimento é basicamente a logística e planejamento.

O quinto movimento da imagem é a sua caminhada junto com as mães que protestam. É preciso ter um corpo que as levem, daí o seu caráter de performance⁶ do mesmo modo que os guerreiros indígenas com suas pinturas corporais ou os estandartes de guerra. O quinto movimento da imagem é o ato da imagem agir com e para os corpos, tanto dos presentes quanto dos ausentes. Tento pensar, no próximo tópico, em o que as imagens fazem na circulação. Para isso é preciso estar aberto a uma prosopopeia da imagem.

O que as imagens fazem na circulação?

No contexto da performance no espaço público, as imagens provocam uma intensa manifestação emocional, incitando sentimentos de indignação e o desejo de buscar justiça. Além disso, essas imagens transcendem seu papel meramente representativo, assumindo a condição de sujeitos e instrumentos em si mesmas. Para compreender essa perspectiva, podemos estabelecer uma analogia com as ideias da antropóloga Jacqueline Moraes Teixeira ao citar Judith Butler, na qual ela aponta que o corpo é a base material essencial da aliança. O corpo atua como sujeito, uma vez que é capaz de agir e interagir, mas também como equipamento, ao permitir que alguém atue em cooperação com outros na aliança. A multidão, por sua vez, possibilita a visualização desse corpo em ambas as dimensões mencionadas (TEIXEIRA, 2018).

A atuação performática no espaço público, por meio de imagens, desperta um intenso impacto emocional, reacendendo o sentimento de indignação e impulsionando a busca por justiça. Ademais, essas imagens transcendem sua mera representação simbólica, assumindo uma posição ativa como sujeitos e instrumentos em si mesmas. A fim de melhor compreender essa abordagem, podemos estabelecer uma analogia com a perspectiva da antropóloga Jacqueline Moraes Teixeira, ao citar as ideias de Judith Butler. De acordo com esse ponto de vista, o corpo assume um papel fundamental na construção de alianças, pois atua tanto como agente capaz de exercer ações, quanto como dispositivo que possibilita a cooperação entre os envolvidos na aliança. Nesse contexto, a multidão se apresenta como uma esfera propícia para a visualização do corpo em ambas as dimensões discutidas (TEIXEIRA, 2018).

A imagem (figura 2) retratada abaixo, onde uma fotografia é inserida na roupa da mãe, representa uma síntese de uma imagem que interage com o corpo e, por sua vez, possibilita

⁶ A palavra performance está relacionada aqui ao trabalho “Atos Performativos e Constituição de Gênero: Um Ensaio em Fenomenologia e Teoria Feminista”, onde a autora Judith Butler percebe a performance enquanto um ato repetido que constitui um gênero.

que o corpo interaja com ela. Essa interação ocorre tanto de forma literal, no sentido material, quanto simbolicamente, ao evocar a presença do filho. Age, também, permitindo o corpo a agir, a fazer parte através das roupas estampadas, legitimam a dor através da ideia de mãe que carrega o filho.

Figura 2 - Mães de Maio



Fonte: Olivia Soulaba/Mães de Maio – Sem data.

As imagens nos protestos das Mães de Maio se fazem no movimento, em sua circulação. Nesse contexto, a circulação das imagens transcende sua mera disseminação, ganhando novos e profundos significados de acordo com o local e o movimento em que se encontram em interação com os corpos. Essas imagens adquirem uma ressignificação singular, influenciadas pela conjunção do espaço físico onde são exibidas e a movimentação dos corpos ao redor delas.

Dentro dessa complexa interação, os corpos desempenham um papel crucial. Não se limitando apenas as mães que exibem as imagens, eles englobam também aqueles que as observam e até mesmo os corpos ausentes, que podem ser lembrados ou representados por meio dessas imagens. Cada corpo presente no cenário dos protestos contribui para a construção de significados coletivos, em uma teia de conexões que entrelaça a experiência dos manifestantes com as narrativas visuais projetadas.

Assim, as imagens nos protestos das Mães de Maio não são meros elementos estáticos, mas sim elementos dinâmicos e ativos que se transformam e ganham novos contornos à medida que interagem com o movimento humano ao seu redor. Os corpos, por sua vez, agem como agentes de sentido, dando vida e contexto às representações visuais, conferindo-lhes

uma dimensão humana e emocional profunda, que ressoa tanto naqueles que as veem quanto nos corpos ausentes que são simbolicamente incorporados à cena. Nesse contexto, as imagens e os corpos se entrelaçam em uma performatividade que transcende a simples visualização, tornando-se uma expressão coletiva de memória, resistência e identidade.

Onde as imagens circulam?

No contexto dos protestos das Mães de Maio, torna-se evidente que as imagens dos jovens mortos exercem uma presença marcante e significativa ao circularem através dos corpos de suas mães nas ruas. Para uma compreensão conceitual mais abrangente dessa dinâmica, é necessário abordar a natureza mutável do espaço urbano, que não é um elemento estático, assim como as próprias imagens. Ao afirmar que as imagens circulam nas ruas, é imprescindível expandir o conceito de rua, considerando-o como um termo abrangente que engloba praças, canteiros centrais, rotatórias e outros espaços públicos similares. Essa abordagem mais ampla do espaço físico ressalta a sua construção cultural, ou seja, como esses espaços são configurados e adquirem significados dentro da sociedade.

A circulação das imagens dos jovens falecidos, conduzida pelas suas mães, manifesta-se de maneira pulsante nas ruas, emergindo como uma expressão de luto, resistência e reivindicação por justiça. Nesse cenário, o espaço urbano transcende sua natureza objetiva e adquire um caráter mais dinâmico e relacional. Ao examinar o conceito de rua, é essencial considerar a interconexão com outros espaços físicos, o que implica em uma abordagem que vai além das fronteiras geográficas tradicionais. Tenho como referência, duas dimensões do espaço. A primeira é a de heterotopia, do filósofo Michel Foucault (2013) e a segunda é a noção de espaço público, da autora Judith Butler (2018).

Para entender o conceito de heterotopia, de Foucault, também temos que pensar na noção de utopia e distopia. Utopia é um não lugar. Ou, pelo menos, um lugar não tangível e idealizado. A distopia também é um não lugar, mas é um não lugar idealizado negativamente, onde a decadência da humanidade é a base de sua existência. Se por um lado temos o real e do outro essas duas noções, entre eles há um terceiro o qual Foucault chama de heterotopia.

Pois bem, sonho com uma ciência - digo mesmo uma ciência - que teria por objeto esses espaços diferentes, esses outros lugares, essas contestações míticas e reais do espaço em que vivemos. Essa ciência estudaria não as utopias, pois é preciso reservar esse nome para o que verdadeiramente não tem lugar algum, mas as hetero-topias, espaços absolutamente outros; e, forçosamente, a ciência em questão se chamaria, já se chama “heterotopia” (FOUCAULT, 2013, p. 20-21).

A heterotopia é o “outro lugar”. Ou seja, podemos simplificar escrevendo que é o significado que damos ou que nos dão sobre um espaço. Ainda, o espaço em que as mães podem agir. Ele exemplifica citando um espelho, local onde nos olhamos e que reflete o espaço em que estamos, porém aquele espaço do espelho não é real, apesar de ter sua localização. Foucault também cita como exemplo os fundos de quintais onde as crianças brincam e ali dão outro significado para aquele lugar. Dar significado não é só nomear, mas viver aquele espaço como outro. “Em geral, a heterotopia tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis” (FOUCAULT, 2013, p. 24).

Acrescento o conceito de espaço público da autora Judith Butler (2018, p. 53) “O “verdadeiro” espaço está, então, “entre as pessoas”, o que significa que assim como qualquer ação acontece em um lugar localizado, ela também estabelece um espaço que pertence à aliança propriamente dita”. Para a autora, o espaço público é e acontece na relação entre pessoas. No próprio encontro de pessoas, já está tendo uma localização. Logo, uma relação produz uma localidade. “Em outras palavras, esse espaço de aparecimento não é um local que pode ser separado da ação plural que leva a ele; não está fora da ação que o invoca e o constitui” (BUTLER, 2018, p. 87). Então, não podemos pensar o espaço de circulação de imagens como algo pré-discursivo. A rua é tanto o que pensamos sobre ela, quanto o que ela se torna quando nela, em relação, estamos.

Em primeiro lugar, ninguém mobiliza uma reivindicação para se movimentar e se reunir livremente em assembleia sem se mover e se reunir em assembleia com outras pessoas. Em segundo lugar, as praças e as ruas não são apenas o suporte material para a ação, mas são, em si mesmos parte de qualquer consideração sobre uma ação pública corporal que possamos propor (BUTLER, 2018, p. 81).

Butler nos faz entender que na motivação, na dor compartilhada das mães já é produzida uma localização. Apesar do senso comum em ver a rua apenas como um local de

trânsito, ela é uma heterotopia na medida em que pode ser o lar de uma pessoa em situação de rua, pode ser um dispositivo para protestos sociais, um espaço para um show ou performance. A rua carrega também uma noção de espaço público. E como assinala Butler (2018), espaço público está na relação com o outro e essa relação não é neutra, não se escolhe com quem se relacionar, são condições que levam a isso.

A rua é então o lugar onde a visibilidade das imagens torna possível a realização da ânsia das mães, pois é nela que é produzida uma localidade não só entre as mães, mas entre as mães, as imagens e quem as vê. A imagem (figura 3) abaixo sintetiza a maneira como as mães de maio percebem a rua enquanto local de se fazerem ouvidas através da voz dos seus filhos mortos.

Figura 3: Faixa das Mães de Maio



Fonte: Fonte.org (2021).

Como as imagens circulam no próprio cruzamento?

As imagens também circulam para além da materialidade, elas circulam e deslocam quanto aos seus significados. Isso fica mais evidente quando utilizamos a proposta teórico-metodológica de Didi-Huberman (2013) de cruzamento de imagens. Essa proposta é inspirada no Atlas Mnemosyne, de Aby Warburg (1929). Para isso, irei traçar semelhanças com fotos de álbuns de família ou de documentos, com uma imagem (figura 4) da bandeira do movimento na rua.

Figura 4 - Bandeira das Mães de Maio



Fonte: Ponte.org (2021).

Conforme Didi-Huberman reflete (2012), esse método de cruzar imagens exige imaginação e nossa imaginação do que sejam as coisas é atravessada pelas experiências culturais, históricas e sociais que vivenciamos. Isso significa escrever que há elementos nas imagens, na mesma perspectiva de Mauad (2014), que faz com que nossa imaginação deduza os seus significados.

Observemos a imagem (figura 5) abaixo de um documento. A postura, enquadramento, fundo branco nos fazem perceber que a imagem foi pensada para pertencer ao documento, pois é o de costume, fotos de documentos costumam obedecer a essas convenções. E essa identificação visual é tamanha, que é possível vermos apenas a fotografia, sem o papel do registro e deduzirmos que se trata de uma fotografia de documento. E a julgar pelas vestimentas e posição da pessoa fotografada, já poderíamos avaliar como sendo para outras finalidades. Obviamente, é preciso ter uma vivência cultural, social e política para deduzir isso, é um recorte geralmente maduro do assunto.

Figura 5 - Registro geral



Fonte: Imagem produzida pelo autor (2022).

Ao ampliar a imagem (Figura 4), algumas semelhanças com o que concebemos como fotos de álbum de família ou de documentos já emergem do mesmo modo do exemplo da imagem (Figura 5) acima. O recorte abaixo (Figura 6) é um exemplo. Proponho que o leitor observe a imagem e tente deduzir qual fotografia é de um álbum de família e qual é de algum documento.

Figura 6: Recorte da bandeira das Mães de Maio



Fonte: Recorte produzido pelo autor (2022)

Conforme citado, não é possível para o público que vê as imagens presentes no protesto, a quem pertencem as imagens ou quem são as pessoas das imagens. No entanto,

nossa imaginação que é atravessada pelo meio, por essas convenções, nos fazem pré-julgar quem são as pessoas das imagens e a quem elas pertencem.

A pessoa da esquerda está sorrindo, logo pressupõe-se um momento de descontração, sua posição na fotografia não está de acordo com a finalidade de ser uma fotografia de documento. Dá para perceber que é à noite, deduz-se que seja algum tipo de comemoração. Por estar um pouco curvado, deduz-se que ele estava dividindo espaço com mais pessoas na fotografia. Poderia também ser uma foto em algum lugar fechado durante a luz do dia, mas a questão é justamente esta, porque a primeira assimilação é de que seja uma fotografia tirada durante a noite?

Na fotografia à direita, observamos que a pessoa em questão está submetida aos padrões convencionais das fotografias utilizadas em documentos oficiais, denotando uma preocupação estética com a iluminação que a distingue da fotografia posicionada à esquerda. O retrato exibe uma expressão facial séria, sugerindo que o contexto em que a imagem foi capturada demandava certa formalidade.

A relação do que elas aparentam e do que eu pressuponho passa pelo que Didi-Huberman (2012) escreve sobre nossa imaginação não ser neutra em relação ao nosso meio. E, provavelmente, é essa construção imagética do que é ser um bandido que causou a morte desses jovens. Ainda acrescento o pensamento de Diéguez (2020), para explicitar como a imaginação é atravessada não só por informações, mas também pela falta delas.

O excesso de mortes violentas, desaparecimentos forçados, mutilações e destruição de corpos a ponto de perder a identidade, é uma trágica realidade que marca muitos países latino-americanos. Essa situação não afeta apenas a vida dos familiares envolvidos, mas também atravessa o tecido social e simbólico, desestrutura hábitos, comportamentos e tradições (DIÉGUEZ, 2020, p. 201).

A citação de Diéguez nos faz retomar a necessidade de haver a presença das imagens nas ruas para que as Mães de Maio alcancem seus objetivos. Pois, a imaginação de quem assiste aos protestos não tem como repertório a face humanizada desses jovens e sim a construção que o Estado produz para justificar suas falhas. A circulação de imagens que permitem as mães a agirem, é a mesma circulação que permite o surgimento do preconceito e racismo que causa a morte desses jovens inocentes. A forma como as imagens de pessoas consideradas perigosas é construída e como essas imagens circulam nas mídias, possuem a

mesma força, talvez força maior, pois as Mães de maio são poucas⁷ comparadas a potência de alcance das mídias.

Saindo da ampliação, volto para a imagem como um todo. Cruzando-as entre si e formando essa grande bandeira, as fotografias formam uma única imagem repleta de fotografias, texto, ilustração etc. Cada fotografia pode ser interpretada individualmente e no cruzamento na própria bandeira, já emerge algo novo, que transcende o álbum de família e as fotografias de documento, podendo, inclusive se opor aos seus significados originais, respectivamente, marcar um momento doloroso e marcar uma ausência.

A grande imagem com as mães que a carrega, diz algo que não estava no campo da pressuposição citada, agora já fica evidente que as fotografias foram colocadas juntas com um propósito. Logo, as imagens do movimento Mães de Maio têm por excelência a necessidade de circularem para serem interpretadas como um dispositivo de mudanças sociais. Existe uma ideia de ação, uma necessidade de movimento para acontecer.

Considerações finais

A perda de um filho intensifica a necessidade de evocar a memória dos que se foram, e, conseqüentemente, invoca-se o poder das imagens. Para uma mãe que enfrentou tal perda, a representação visual de uma imagem amplifica seu valor simbólico de forma significativa. No entanto, é válido ressaltar que a abordagem dessa temática abre possibilidades para novos estudos.

Quando as Mães de Maio manifestam-se portando as imagens das vítimas do estado em suas ações pelas ruas, as próprias imagens ganham vida e movimento. O coletivo de pessoas e imagens contribui para a criação de um espaço de transformação social. Dentro desse cenário gerado, emergem uma infinidade de narrativas, e o que as une são justamente as imagens. Essas histórias e imagens, que originalmente não tinham a intenção de se cruzar, encontram-se em interação e atuam com e para as Mães.

À medida que essas mães percorrem as ruas, esses espaços urbanos adquirem novos significados. Mesmo que ideias utópicas possam surgir nas mentes dessas mães, é importante considerar que as ruas se transformam em heterotopias quando as imagens nelas circulam e exercem mudanças. O espaço público, que já existe devido à união dessas mães em suas

⁷ O livro *Memorial dos nossos filhos vivos*, de 2019, conta com 23 relatos de mães do movimento. Já o livro *“Mães de Maio: do luto a luta”*, de 2011, conta com 8 relatos.

manifestações, é reconfigurado pelas imagens, modificando a própria estrutura e dinâmica das ruas onde a fotografia, mais que uma representação visual em circulação, se torna uma poderosa arma na luta do movimento.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performática de assembleia**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2ª edição, 2018.

CASTRO, Luiz Guilherme Rivera de. **Outros espaços e tempos, heterotopias**. 1º congresso internacional Espaços Públicos. FAU Mackenzie, São Paulo, Brasil.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tocam o real**. Revista Pós: Belo Horizonte, v.2, n.4, p. 204-219, nov.2012.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Posfácio de Daniel Defert. [tradução Salma Tannus Muchail]. São Paulo: n-1 Edições, 2013a.

ROSE, Gillian. **Visual Methodologies**. Londres: Sage Publications, 2001.

SAMAIN, Etienne (org.). **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

Referência complementar

Vídeo: TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. [Aula 10] Judith Butler: Corpos e Aliança e a política das ruas. LabNAU-USP.

Recebido em: 30 de julho de 2023
Aceito em: 21 de setembro de 2023
